ANNO XVI de "O Povo de Aveiro.. DOMINGO, 27 JULHO DE DE 1902 N.° 954 de "O Povo de Aveiro,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
—
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
—
EDITOR, João Pinto Evange list

Numero 155

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.° Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Foi Eugenio Burnouf quem escreveu o primeiro livro notavel sobre o budhismo. Em 1844, depois de sete annos d'estudos profundos, publicou a sua *Introduction à l'histoire du Boudhisme indien*, que é um monumento.

Conhecedor das linguas orientaes como ninguem, sendo, talvez, o unico homem, como diz Max-Múller (*Essais sur l'histoire des religions*—Paris, 1879, pags. 276) que teve a coragem de apprender o thibetano, o pali (1), o singalez (2) e o birman, além do sanscrito, que já conhecia com profundeza, para se habilitar ao estudo da religião bhuda, poude compulsar todos os documentos, folhear todos os manuscriptos, reunir todos os materiaes precisos para produzir uma grande obra. Infelizmente, a morte, em 1852, «poz fim a um trabalho que teria sido o monumento mais perfeito que um orientalista poderia elevar, se o auctor tivesse podido acaba-lo segundo o plano traçado no prefacio» (Max-Múller, livro citado).

Seguiu-se-lhe Barthélemy Saint-Hilaire, o famoso revolucionario francez, o redactor do *Globe* em 1827, do *Nacional* em 1830, que assignou o protesto contra as ordenanças de julho, que foi chefe do secretariado do governo provisorio em 1848, que se demittiu de professor do Collegio de França depois do 2 de dezembro, em 1851, que foi um dos mais vivos e irrequietos elementos de protesto contra o governo napoleonico. Grande revolucionario e grande sábio ao mesmo tempo. O seu livro *Le Boudha et sa religion* é outro monumento. «Foi precisa uma paciencia a toda a prova e um raro discernimento para compor sobre o budhismo uma obra tão exacta, e, ao mesmo tempo, d'uma clareza tão perfeita e d'uma leitura tão agradavel como a de Barthélemy Saint-Hilaire. Ajudado pela sua familiaridade com o sanscrito e admiravelmente secundado pelo seu conhecimento intimo de quasi todos os systemas philosophicos e religiosos da antiguidade e dos tempos modernos, o sr. Barthélemy Saint-Hilaire chegou a traçar um quadro, ao mesmo tempo animado e fiel, da origem, do caracter, dos meritos e dos defeitos da religião budhica. Tornou-se o primeiro historiador do budhismo». Max-Múller, obra citada, pags. 200 e 276).

Pois bem. Tanto Burnouf como Barthélemy Saint-Hilaire, apesar de fervorosos deistas, foram obrigados a confessar que a religião de Bhuda era uma religião sem Deus.

Debalde os metaphysicos e os crentes teem querido ladear a questão. «A idéa que fazemos de Budha é inteiramente opposta á opinião admittida por Burnouf e por todos os seus successores, com excepção de Mohl, d'Obry e de Dunker. Julga-se geralmente que o budhismo, isto é a religião do mundo que conta mais adeptos e que tem civilisado e moralisado milhões de seres humanos, é uma religião atheista e materialista. Assim deveria ser considerada, com effeito, uma doutrina que só ensinasse o nihilismo, que fosse, por conseguinte, a negação de Deus, como pretendem os nossos adversarios. Vamos mostrar que essa maneira de interpretar o budhismo é destituida de todo o fundamento.» (Bunsen — *Dieu dans l'histoire*, ediç. fr.—Paris, 1868, pags. 160).

Mas, afinal, não mostra coisa nenhuma!

Outro escriptor de nome Burnouf, Emilio Burnouf, tambem escreve: (*La Science des Religions*—Paris, 1885, pags. 11).

«Existe hoje uma grande religião, que não tem menos adherentes que o christianismo e que parece não ter Deus: é o budhismo; mas aquelles que tomam o budhismo por uma escola atheista ou por uma philosophia materialista esquecem que o pantheismo é o fundo d'essa religião como de todas as religiões brahmas. E' de notar que quanto mais se desce para as religiões grosseiras e infimas, mais o Deus é facil de conceber e que quanto mais se sóbe para as religiões ideaes, menos é palpavel ao pensamento. O budhismo é tão elevado entre as religiões orientaes como o christianismo entre as do occidente; se o Deus dos budhistas parece escapar-nos, o dos christãos, quando se chega a analysar a sua natureza, é quasi tão imperceptivel como elle.»

Rodeios pouco habeis, como se vê *á priori*, e como veremos com profundeza quando estudarmos o budhismo.

O proprio Max-Múller tem difficuldade em se curvar á verdade esmagadora, e triste para o coração de um crente, de que uma religião tão importante como o budhismo, de muito maior importancia, quer pela moral, quer pelo numero dos adeptos, quer pelo apparecimento chronologico, que o christianismo, é uma religião sem Deus. Comtudo, em carta ao *Times*, e em discussão com um senhor Francis Barham, depois de dizer a este que os escriptores citados por elle não teem auctoridade nenhuma em estudos orientalistas, escreve:

«Nem na philosophia budhica, nem no systema do qual Budha, segundo se suppõe, recorreu para beber a sua doutrina, se descobre o minimo vestigio d'um ser divino no seio da qual a alma humana podesse ser absorvida. A phylosophia Sankhya, na sua fórma original, toma por titulo caracteristico o nome dos anisvara que quer dizer *sem senhor* ou *atheu*. Segundo este ultimo systema, o fim para que o homem deve tender não é a absorpção em um Deus, quer pessoal, quer impessoal, pois que, para o philosopho Sankhya, a noção de Deus não existe. O fim supremo dos esforços do homem deve ser Moksha, isto é, a alma liberta de todo o trabalho, de toda a pena, de todas as illusões, fundindo-se no grande todo, isto é, na natureza.»

Portanto, para os escriptores de incontestavel auctoridade orientalista, para aquelles que estudaram as religiões orientaes e, de preferencia, o budhismo, mais remotos e mais [illegible], Eugenio Burnouf, Barthélemy Saint-Hilaire, Max Müller, [illegible], etc, o budhismo é uma religião materialista. Sendo uma religião hoje professada por 500 milhões d'individuos, que representam quarenta por cento da humanidade, ao passo que o christianismo não passa de 26 por 100, com protestantes, catholicos e gregos, é duro para os deistas admitti-la com todo o seu caracter de materialismo.

Deus tinha o consenso unanime. N'este disparate fundavam os metaphysicos a sua propaganda. Afinal o tal consenso fica reduzido a uma infima minoria.

Ha uma grande religião, a mais elevada de todas, que não conhece a idéa de Deus. E ha povos e povos, fóra d'ella, nas mesmas condições, como veremos.

(1) Lingua sagrada do Ceylão, derivada do sanscrito.

(2) Lingua commum do Ceylão.

Em Azurva, logar proximo d'esta cidade, no pinhal de Trancas, foi barbaramente espancado um homem da Murtosa á foiçada, partindo-lhe um braço e recebendo graves ferimentos na cabeça.

Foi preso um individuo e uma mulher, sobre quem recahem suspeitas do barbaro attentado.

Um dos tribunaes criminaes de Nova Jersey (Estados Unidos), mandou pôr em liberdade condicional um individuo chamado Carlos Filer, condemnado a dez annos de trabalhos forçados. Filer inventou uma nova machina de costura, e o tribunal perdoou lhe o resto da pena para que elle podesse facilmente colher-os resultados da sua invenção.

Um syndicato de capitalistas já reuniu perto de cinco milhões de francos para a exploração da nova machina de costura.

OS ACONTECIMENTOS DE AVEIRO

Reproduzimos o supplemento que publicámos ante-hontem.

Aos nossos assignantes de Aveiro, que não receberam esse supplemento, pedimos que nos relevem a falta, devido á substituição do distribuidor.

Os acontecimentos, que se estão dando ha dias entre nós, são de natureza a envergonhar a cidade de Aveiro. Os vendedores de generos, a pretexto de ser vexatorio e oneroso o novo regulamento do mercado, pozeram-se em gréve. Até aqui está bem. Tenham ou não tenham razão. Nós não discutimos. Foi acertado e justo o procedimento da camara? Não foi? Pouco importa, n'esta occasião. Os vendedores, sentindo-se ou julgando-se lesados, entenderam que deviam protestar contra o novo regulamento não trazendo os seus generos á cidade. Bem ou mal, com razão ou sem ella, com muitos ou poucos motivos, não havia offensas ao direito, nem á liberdade em tal procedimento.

Se não queriam vender nas condições impostas pela camara, estavam no seu direito.

Mas direito que parava ahi. Direito que nós não queremos discutir, porque queremos collocar a questão nos termos mais amplos, mas que tinha, no fundo, muito que discutir. Nenhum recurso violento se admitte sem estarem exgottados os recursos pacificos. A gréve, que é sempre um meio violento, nunca, em parte nenhuma, foi posta em vigor, sem que os interessados apresentem primeiro as suas reclamações.

Quaes foram as reclamações apresentadas pelos vendedores contra a resolução da camara municipal? Onde estão ellas?

Ha, por ventura, o direito de privar uma cidade dos generos de primeira necessidade, sem se fazerem as necessarias prevenções? Não deu a camara dez dias aos interessados, para apresentarem as reclamações que julgassem de justiça? E que reclamações apresentaram elles? Nenhumas. Absolutamente nenhumas. Deixaram correr o tempo, e só no primeiro dia de execução do regulamento é que se lembraram de que o regulamento era mau. E, então, ainda sem se dirigirem primeiro á camara a reclamar, a expôr as suas razões, em termos dignos ou indignos, fizeram gréve, privando a cidade, respectivamente, dos generos mais necessarios á vida.

Isto não se permitte. Isto não se tolera. Isto não se desculpa.

Isto não é direito, nem liberdade. Isto é bruteza, simplesmente.

Mas vá. Supponhamos que é direito. Iremos até ahi. Mas ahi paramos, e d'ahi, não podiam passar, em caso algum, os vendedores que se pozeram em gréve.

Passaram, comtudo. Foram além. Não se limitaram á bruteza de lançar mão d'uma violencia, que prejudicava uma cidade, sem terem exgottado os recursos pacificos. A bruteza provocou outas brutezas. D'uma violencia, que se explicava, passaram a violencias, que não se explicam. E a cidade de Aveiro teve a vergonha de o consentir.

A cidade de Aveiro ficou á mercê de umas duzias de selvagens, que a invadiram dando-lhe leis, que se impozeram á valentona, que praticaram crimes e disturbios, sem que encontrassem pela frente o correctivo que mereciam.

Uma covardia!

Uma vergonha!

Não bastava que esses selvagens das aldeias abafassem as nossas votações politicas, como abafam ha muito tempo. Não bastava que nos levassem o melhor dos nossos rendimentos municipaes, porque o levam. Sim, esses selvagens, que se revoltam porque lhes augmentaram em 10 réis o imposto do piso, são aquelles que menos pagam no concelho, afinal, e são aquelles que mais despesas acarretam. Não pagam imposto indirecto, porque não compram carne, nem vinho, nem outros generos sobre que, principalmente, incide aquelle imposto. Não pagam imposto directo: ou contribuição industrial, porque estão fóra d'ella, ou contribuição predial, porque, geralmente, não teem predios. E não ha animal mais damninho para estragar malhadas, para estragar estradas, para estragar tudo aonde chega.

E não estão contentes! E não bastava a carga enorme que ellas, ha muito, representam para a cidade! E ainda faltava que entrassem por aqui dentro, como terra conquistada, e que se impozessem aos proprios estabelecimentos commerciaes, obrigando-os a fechar e apedrejando-os!

Isto só em Aveiro!

Vá lá, repetimos, que os hominhos e as mulherinhas fizessem gréve, sem terem allegado interesses offendidos ou justiça, sem terem reclamado primeiro. Mas chegarem a pretender que os vendedores, que não vendiam no mercado, que os estabelecimentos commerciaes, que não fazem commercio de hortaliça nem tomates, que as padarias, que os talhos, que as lojas de modas, de alfayate, de sapateiro, que as proprias pharmacias fechassem, terem-no pretendido e terem-no conseguido é d'aquelles attentados que não sabemos se mais revoltam em quem os pratica se em quem os deixa praticar.

Tentaram-n'o e conseguiram-n'o.

E' a maior vergonha porque podia passar a nossa terra.

Não houve policia, não houve tropa, não houve povo na cidade para repellir aquella affronta. Não houve nada. Tudo ficou á mercê dos selvagens!

Isto é, temos que fazer algumas excepções. Uma d'ellas foi na fabrica de moagens, propriedade do nosso amigo Manuel Christo, onde houve séria resistencia. Os empregados defenderam-se, atirando sobre os assaltantes com tudo quanto encontraram á mão. Dispararam-se mesmo alguns tiros. E sabemos que todos os empregados estão resolvidos a defender-se a *tiro*, se os selvagens voltarem a repetir a proeza.

A *tiro!* Já que em Aveiro não ha auctoridades para impôrem o respeito e a salvaguarda dos cidadãos!

Os attentados de hoje são tanto menos desculpaveis quanto é certo a camara municipal ter resolvido retirar o novo imposto do piso, e assim o ter notificado. A camara andou mal. Desde que os processos eram incorrectissimos, a camara não podia, nem devia ceder. O que conseguiu a camara com a sua transigencia? Que as casas dos vereadores fossem apedrejadas e assaltadas pelos bandoleiros. Foi o que conseguiu. Melhor seria, para honra e interesse proprio e do concelho, que tivesse resistido. Se tem resistido, o imposto, que aliás lhe é indispensavel, ficava de uma vez para sempre, e estava tudo liquidado. Assim, recuando, deu provas de lamentavel fraqueza, sem ter conseguido cousa alguma.

Além da questão ficar insoluvel, além do perigo de se repetirem novos disturbios quando o imposto voltar, nem sequer a camara conseguiu que os tumultos cessassem momentaneamente. Pelo contrario, foi precisamente quando a camara recuáva que os tumultos se aggravaram.

A camara recuou. A camara, em editaes affixados e espalhados por toda a parte, em numero de 3:000, participou que estava suspenso o imposto do piso. Como se explicam, depois d'isso, os graves tumultos que se deram? Como, depois d'isso, foram invadidos, obrigados a fechar, apedrejados, os estabelecimentos commerciaes, a casa da residencia do sr. presidente da camara e d'alguns vereadores?

Se alguma prova fosse necessaria da selvageria, da falta de razão e de justiça, com que procedem os desordeiros, ella ahi fica-va, e bem eloquente!

Dizem que se põem em gréve e que se revoltam por causa do novo imposto do piso. A camara attende-os. A camara recúa. A camara declara que fica suspenso o imposto. E é então que os barbaros se abalançam ás ultimas proezas!

Como se explica isto, perguntamos?

Explica-se pela covardia da cidade e das auctoridades, e pelos manejos conhecidos de meia duzia de malandrins.

Meia duzia de francaceos, meia duzia de malandrins, por simples especulação partidaria, por simples guerra ao presidente da camara municipal e ao grupo politico que elle representa, excitam os barbaros das aldeias e lançam entre elles os boatos mais torpes e mais falsos. Toda a gente conhece esses malandros, entre os quaes figura um padre. Toda a gente os aponta com o dedo, embora elles, com a mais revoltante hypocrisia, lavem as mãos de toda a culpa, como fazia, hontem, um *dançarino*, n'um dos pontos mais concorridos da cidade. E esses manejos, e essas especulações surtem effeito, mercê da fraqueza vergonhosa das auctoridades.

Por um lado os malandretes, os francaceos, a excitar e a enganar os barbaros com odiosas mentiras e balelas. Por outro lado o povo da cidade, sem protestar vivamente contra a humilhação a que o sujeitam. E, completando a obra, as auctoridades cruzando os braços deante de todos os attentados e manobras.

Digamos a verdade:

Uma covardia!

Uma vergonha!

O povo aveirense, que os barbaros teem pretendido reduzir á fome, todos os habitantes da cidade deveriam ter mostrado maior energia para repellir a affronta, que os desordeiros brutos lhes estão inflingindo. Mas a fraqueza da auctoridade superior do districto, essa excede tudo, porque, além d'uma vergonha, representa um verdadeiro crime.

Só a impunidade tem sido a causa das audacias dos *labregos*. Bastaria que a cidade, sem recorrer a violencias, tomasse uma attitude energica deante d'elles, bastaria que a auctoridade superior do districto os tivesse repellido com *menosbrandura* rearaque não tivesse succedido nada do que vem succedendo.

Felizmente, ao que nos consta, está entregue a questão ao sr. commandante da brigada, como commandante militar n'esta cidade.

Felizmente!

Confiando na prudencia de s. ex.ª, confiamos, ao mesmo tempo, na sua decisão e na sua energia.

E, para terminar, ousâmos lembrar a s. ex.ª a conveniencia de fazer dispersar os bandos que estão acampados nos extremos da cidade, que, sendo aberta por todos os lados, facilmente poderá ser por elles invadida, o que elles, alto e bom som, promettem fazer, sentenciando á *morte*, juntamente, quantos lhe desagradam.

E' o que nos consta.

Em s. ex.ª confiamos, repetimos, certos de que bastarão umas *simples demonstrações* decididas da parte da força publica, *simples demonstrações, entenda-se*, para que aos barbaros acuda o *bom senso* e a *prudencia*.

Está entregue a defeza da cidade ao sr. Gama Lobo, que foi sempre um militar illustre, cheio de prudencia, mas de decisão ao mesmo tempo.

E' quanto basta para todos dormirmos tranquillos.

Por isso nos felicitamos e felicitamos a cidade.

* * *

Á ULTIMA HORA

Consta que os selvagens cortaram já, ou tencionam cortar, as aguas que abastecem a cidade.

E' bem feito.

A questão reduz-se a pouco e em poucas palavras se resume. E' isto: os LABREGOS não deviam fazer gréve sem apresentarem primeiro as suas reclamações. Só depois, não sendo attendidas essas reclamações, lhes era licito ir mais longe. Feita a gréve, comprehendia-se que elles impedissem, PELA FORÇA, os seus COLLEGAS, os vendedores do mercado, de concorrerem com productos á cidade. Já isso é irregularissimo. Mas como está nos usos das gréves, por esse mundo fóra, acabou-se. O que elles não podiam fazer, o que nunca se fez, em gréve alguma do mundo, foi o que fizeram: fazer cessar todo o commerço, fazer fechar todas as lojas, incluindo as pharmacias!

Mas, agora, até cortam as aguas que abastecem a cidade.

Uma infamia!

Mas é bem feito. Ha patriotas, em Aveiro, que applaudem essa infamia. E as autoridades cruzam os braços.

Que vergonha!

Commissario de Policia

Diz se que foi posto um official do exercito á frente do corpo de policia de Aveiro.

Mas definitivamente, ou provisoriamente?

Esta semana chegaram-nos informações estupendas sobre a policia.

Mas não temos hoje espaço.

Aquillo cahiu o mais baixo que podia cahir!

Um grupo de socios da «Tuna Talabriga», promovem para o dia 12 de agosto, anniversario da inauguração da estatua de José Estevam, uma serenata para a noite d'esse dia.

Cartas d'Algures

26 DE JULHO.

Disseram-nos, depois de escripta a nossa ultima carta, que as iniciaes, que subscrevem o artigo do *Norte*, representam um nome illustre no jornalismo e na democracia portugueza. Pois sentimos, por mais do que um motivo. E comprehendemos aquillo. Não será bem a *originalidade* de dizer o contrario do que os outros dizem. Será, antes, desalento profundo, pessimismo, o quer que seja d'irritação desesperada. E o desespero não deixa reflectir. Porque, ou desalento, ou desespero, ou descrença, ou fosse o que fosse, dado o espirito progressivo e culto do auctor do artigo o que houve foi uma dóse grande de irreflexão.

Exquisitices dos homens.

Taine accusava de comediante todas as grandes figuras da revolução franceza. Renan, Strauss, e outros, em seguida a terem vibrado os golpes mais rudes ao divino curvaram-se com respeito deante das religiões. Eça de Queiroz, depois das palavras que pôz na bocca do medico Gouveia, acha *poetica* a religião, na carta dirigida a Guerra Junqueiro, *Correspondencia de Fradique Mendes*, se não me falha a memoria. Ando longe de casa, e portanto, longe da maior parte dos livros. Cito de cabeça. Mas deve ser pouco mais ou menos o que digo.

E outros. E outros.

Exquisitices dos homens.

Mas, voltamos á nossa, mostrar indifferença perante o analphabetismo ou a instrucção, quando não seja estupidez, como não é no illustre articulista do *Norte*, homem de erudição e talento, é imperdoavel leviandade.

N'isso, como em muitas outras coisas, andamos nós afastados dos principios da grande revolução. Andamos afastados aqui, como em França, como em toda a parte. Pois lembramos a elles, que é indispensavel e urgente.

Os homens da revolução não achavam indifferente a questão do analphabetismo em particular, e o da instrucção em geral. João Jacques Rousseau, o auctor do *Emilio*, fundou a philosophia da educação. Pestalozzi, o incançavel, o admiravel propagandista da instrucção primaria, foi um dos seus discipulos, como Frœbel foi discipulo e continuador de Pestalozzi. M.me d'Épinay, M.lle d'Épinay, M.me de Staël, Bernardin de Saint-Pierre, Kant, a propria M.me de Necker foram outros tantos continuadores illustres de Rousseau. Mas Pestalozzi sobretudo, esse grande benemerito, esse trabalhador incançavel, que resistiu com a maior intrepidez a todas as perseguições e desgostos. A elle se deve a febre de instrucção que se desenvolveu na Suissa e, depois, na Allemanha, defendida, propagada, impulsionada pelos seus discipulos.

Condillac, Diderot, Helvetius são outros propagandistas formidaveis da obra da instrucção.

Diderot, como todos os homens que precederam e acompanharam a grande revolução, excluia os padres do ensino. «Conservarei os padres, não como preceptores de gente de juizo, mas como guardas de loucos; e as suas egrejas, deixal-as-hei subsistir como asylo d'uma certa especie d'imbecis que poderiam tornar-se furiosos se os desprezassem por inteiro.» (Gabriel de Compayré—*Histoire Critique des Doctrines de l'Education en France depuis le seizième siècle*—tom. 2.°, pags. 178, Paris, 1898.)

La Chalotais apresentou, em 1763, ao parlamento de Rennes, o seu *Ensaio de educação nacional*, acolhido por Voltaire com grande enthusiasmo.

La Chalotais, como Diderot, excluia os padres do ensino. «Com effeito, diz Compayré, obra e volume citado, pags. 217, é idéa dominadora do *Ensaio* substituir os mestres religiosos pelos mestres seculares, abrindo escolas civis sobre as ruinas das monacaes. La Chalotais sabia os perigos que corre um povo, quando confia os seus filhos a corporações independentes que constituem um Estado no Estado, e que, por interesse e por principios, tendem, nos nossos affectos, a sobrepôr a patria sobrenatural e mystica á patria terrestre.» A Chalotais segue-se Rolland. Depois entra-se no periodo preciso da Revolução.

«Aquelles, exclamava Mirabeau, que não querem que o camponez saiba lêr nem escrever, fazem um patrimonio da sua ignorancia e não são difficeis de perceber os motivos que os guiam. Mas esquecem-se de que quando se faz do homem uma besta ha o risco de que elle se converta n'uma féra.»

Em 1791, Talleyrand lê á Assembléa constituinte a sua memoria sobre a reforma da instrucção.

«Depois de terdes dado o poder ao povo deveis dar-lhe a sabedoria. A lei, que é d'aqui por deante a obra do povo, não deve ficar á mercê das opiniões tumultuosas d'uma multidão ignorante.»

Em 1792, Condorcet apresenta á Assembleia legislativa o seu relatorio sobre a instrucção. Reclama uma escola primaria por cada aldeia de 400 habitantes.

Mas «é verdadeiramente da Convenção que datam os primeiros esforços sérios para organisar e popularisar a instrucção primaria. Parece que, desde cem annos, o esforço de todos os nossos legisladores, n'esse ponto, se tem limitado a applicar as idéas que a assembleia revolucionaria concebeu.» (Compayré, idem, pags. 293.)

Seria longo citar e enumerar o que se fez então. Basta concluirmos, com Compayré:

«De todas as *epochas da historia* foi a da Revolução certamente a mais activa, a mais fecunda em concepções pedagogicas. Se a Revolução não poude realisar tudo quanto concebeu, a culpa não foi sua. Foi porque lhe faltou o tempo. Decretou muitas vezes o estabelecimento d'uma vasta instrucção primaria, irradiante por todo o paiz, semeando as suas escolas em todos os cantões, em todas as aldeias. Mas o seu poder foi menor do que a sua vontade. Mais nos legou os principios que as instituições. Agradeçamos-lhe ao menos o que ella quiz, o que ella pensou. Recordemo-nos de que foi a primeira a proclamar com energia o direito e o dever que tem cada cidadão de ser instruido e esclarecido, e pensemos quanto, no fim de cem annos, estamos longe, ainda, do ideal que elle sonhou!» (Idem, idem, pags. 320 e 321).

Tão longe, que até os que se dizem revolucionarios desdenham hoje da instrucção!

N'isso, como em muitas outras coisas, andamos, repetimos, afastados, esquecidos, até, dos gloriosos principios da revolução. E, sem elles, são estereis e instaveis todos os regimens democraticos.

Philosophos *declassés*, pessimistas da peor especie, de envolta com um ou outro espirito illustre, duvidam das vantagens da instrucção. Guyau, que é um philosopho illustre, defende abertamente a instrucção, mas duvida que ella seja o elemento primeiro da moral. (*Éducation et Hérédité*—Paris, 1895.) Alfred Fouillé, tambem defensor decidido da instrucção, tem as mesmas duvidas de Guyau (*La France au point de vue moral*—Paris, 1900). Mas a verdade é que essas duvidas não resistem ao mais elementar raciocinio e que a todos ellas responde, triumphantemente, Compayré, aliás um crente.

«A instrucção do povo é a questão mais urgente e mais importante do nosso tempo. E' quasi inutil voltar á demonstração de uma verdade tão clara, tão certa.

O que tem prejudicado até hoje, o que prejudica ainda os progressos da instrucção, são os preconceitos que a rotina e a paixão entreteem contra ella. Quantas pessoas, mesmo nos nossos dias, que se obstinam em acreditar que a instrucção é má, perniciosa para o povo, ou pelo menos inutil!

Uns accusam-'na d'exaltar o orgulho, a imaginação, as paixões, de perverter o povo, n'uma palavra, supprimindo a feliz e santa ignorancia dos tempos passados. Outros pretendem que ella não tem, para moralisar, a efficacia que se lhe attribue, e que se enganam aquelles que contam com ella para assegurar a ordem e a paz publica, para augmentar a honestidade e a virtude entre os homens.

Responderemos brevemente a estes preconceitos que teem por effeito afrouxar, diminuir os esforços que a sociedade ou os individuos seriam tentados a fazer para o desenvolvimento da instrucção.

Sem duvida que, algumas vezes, se tem exaggerado a influencia da instrucção sobre os costumes. Tem-se acreditado que bastaria mandar uma creança á escola para fazer d'ella um homem honesto e virtuoso. Não diremos com os fanaticos ingenuos: Todo o homem que sabe ler é um homem salvo! Mas menos diremos ainda, com certos agoireiros, que todo o homem que sabe ler é um homem perdido. Logo que um assassino, um criminoso, um ladrão, recebeu alguma educação litteraria ou foi á escola, logo agarram esses factos isolados para concluir arbitrariamente que a instrucção é responsavel por todas as más acções.

Basta, entretanto, consultar as estatisticas criminaes para nos assegurarmos do contrario e para concluirmos, com a auctoridade indiscutivel dos factos, que o numero dos delictos e dos crimes diminue com os progressos da instrucção. Os assassinatos, que tinham variado entre 200 e 262 annualmente, desde 1826 até 1855, desceram desde então de 192 a 158. Diminuição ainda mais sensivel para os homicidios, para os roubos, que decresceram n'uma proporção consideravel, em perto de metade.

A estatistica dos delictos dá o mesmo resultado. E' preciso attribuir tambem estes progressos ao melhoramento sensivel e bem estar geral, ao augmento do trabalho, á melhor organisação dos meios de vigilancia e repressão. Mas, não duvidemos, e maior e melhor parte d'esses resultados é devida á instrucção. Prova-o a proporção, nas listas criminaes, entre o numero dos analphabetos e o numero dos instruidos. Em 1851, por exemplo, em 100 accusados só havia 13 que fossem instruidos, entre os quaes 5 com instrucção superior. Em 1863, em 100 criminosos, 38 não sabiam ler nem escrever, 43 eram quasi analphabetos.

Se passarmos aos paizes estrangeiros, encontraremos os mesmos recursos. Ha em Londres uma população degradada que enche certos bairros, e que fornece cada anno aos tribunaes, diz-se, mais de 70:000 accusados. E' uma prisão por 40 habitantes. Pois bem. Toda essa população é completamente analphabeta. E' precisamente para luctar contra a ignorancia d'essas classes abjectas que os inglezes, que amam a instrucção primaria, bem que só tenham começado a fazer esforços por ella em 1833 (precisamente no mesmo anno que a França) estabeleceram as *ragged schools* ou escolas de maltrapilhos. São asylos inteiramente distinctos das *Workhouses*, casas de trabalho destinadas ás creanças pobres, mas que não andam cobertas de farrapos.

O vicio e o crime coincidem, pois, mais vezes com a ignorancia do que com a instrucção. Dir-se-ha que esse resultado é devido a que os individuos mais instruidos são, ao mesmo tempo, os mais ricos, e, por consequencia, os menos expostos á tentação de roubar e de matar. E' possivel; mas a isso responderemos que a instrucção é precisamente um meio de augmentar a riqueza. De sorte que ainda por aqui a instrucção nos apparece como a causa indirecta do progresso nos costumes.» (Pags. 397 a 399.

Muito mais diz ainda o auctor da excellente obra que fica citada. E muito mais temos nós para dizer.

Portanto, voltaremos ao assumpto, que bem o merece pela sua importancia.

A. B.

Chiças, Cabecinhas, Tinhosos e Mijaretas

Elles bem se querem esconder. Mas, coitadinhos, nem para isso teem habilidade!

Não se ralem. Todo o mundo sabe que foram os francaceos, na sua maioria, os auctores da *tramoia*. Os mariolões, que teem a hypocrisia sachrista de todos os reaccionarios, esfalfam-se a protestar contra á *calumnia* de que foram elles que andaram pelos campos a espalhar falsidades entre os aldeões. Percebemos! Não querem incorrer n'essa responsabilidade perante a grande maioria da cidade. Mas descancem. O diabo tem uma capa com que cobre e outra com que descobre.

Vejamos, já, este telegramma enviado aos jornaes do Porto:

AVEIRO, 24.—Devia começar hontem a ser cobrada a nova taxa do imposto de pizo no mercado do Cojo. Em signal de protesto, o povo das freguezias limitrophes, veio á cidade, armado de varapaus e fouces, e manifestou-se contra o presidente da camara, auctor do augmento do imposto. A força publica foi impotente para conter os manifestantes, em numero superior a 2:000. Tem havido falta de viveres por o mercado estar fechado. Ha grande carestia de alimentação. Em vista da attitude firme e ameaçadora do povo amotinado, a camara teve de recuar, suspendendo a execução do novo regulamento. A casa do presidente esteve a ponto de ser invadida e desrespeitada. (1) Diz-se que o sr. Gustavo Ferreira Pinto, em consequencia de tão graves acontecimentos não poderá permanecer na presidencia da camara. Os vereadores estão desgostosos e não querem assumir a responsabilidade de semelhantes factos. O dr. Homem de Mello esteve hontem aqui, chamado pelos seus partidarios, para acalmar os animos. A cidade adheriu ao povo da aldeia. O presidente Gustavo pretende desviar e causa dos motivos para influencias a suggestões politicas. A situação é grave, aguardando-se acontecimentos importantes.

Entendamo-nos: foi o presidente da camara quem enviou esse telegramma? Foi algum dos seus partidarios ou amigos? Fomos nós, ou algum dos membros do partido liberal?

Não. Não ha duvidas. Foi alguem da colligação reaccionaria, francaceo declarado ou francaceo alliado.

Não ha duvidas.

E esse figurão, que não hesitou em dizer falsidades para os jornaes do Porto, hesitou em as dizer entre os homens das aldeias?

(1) Já na vespera os mariolas se referiam ao que veio a acontecer no dia immediato. Era manha, ou não?

Não se cancem. Os mariolões não fizeram a gréve, evidentemente, porque não tinham forças para isso. Mas excitaram os labregos, mas irritaram-nos com falsidades e calumnias de toda a ordem, o que é facil. Para isso basta ser garoto. E em garotos e garotices é fértil a cambada dos francaceos.

Então o presidente da camara é que foi o *auctor* do augmento do imposto?

Então a força publica foi impotente para conter os manifestantes?

Então se a força publica quizesse ser *energica* não bastava metade da que havia em Aveiro para esturrar os miolos de quantos *cabecinhas*, cabeçudos e cabeções apparecessem?

Estão a mangar com a tropa. E' a isso, precisamente, que se chama *mangar com a tropa*.

Então o presidente da camara tem que se demittir? Havia de ser bonito. O presidente da camara a ir-se embora só porque isso era do agrado de *Chiças*, *Cabecinhas*, *Tinhosos* e *Mijaretas!*

Talvez, sim, o plano d'elles fosse esse. Mas tambem só d'esses planos cabem na cabeça d'aquellas cavalgaduras!

Então a cidade adheriu ao povo da aldeia? Não sabiamos. Sim, sim, é possivel que o protesto da *chafarica* fosse mais uma hypocrisia. Não queremos affirma-lo. Não queremos mesmo acredita-lo. Mas então para que dizem que o povo da cidade adheriu ao povo da aldeia?

Hypocrisia ou não hypocrisia, o protesto da *chafarica* mostra bem que não adheriu. Fica, pois, eloquentemente provada mais essa mentira do trapalhão do telegramma.

O nosso presado collega *O Norte*, ao qual telegraphámos para que se prevenisse, declarou que, se publicou a telegramma, foi com vontade de acertar.

Perfeitamente d'accordo. Mas foi illudido. E basta-lhe lêr o *Povo de Aveiro*, de hoje, para d'isso se convencer.

A questão de Aveiro, creia o collega, é uma simples especulação politica, e de politica reaccionaria. Os vendedores não acceitaram bem o augmento do imposto do piso. Mas esse imposto era justo e era preciso. Está, talvez, mal redigido o regulamento, dando logar a interpretações duvidosas.

Está mal redigido com certeza. Mas a camara explicou que só queria o augmento d'imposto no metro quadrado de terreno. E, reduzido o imposto a isto, é justo. Os labregos nada pagam. E fartam-se de estragar e pedir obras.

Comtudo, justo ou injusto, o processo seguido pelos labregos foi tudo quanto ha de mais revoltante e indigno. Não fizeram reclamações, não fizeram gréve, não fizeram coisa nenhuma séria e digna. Fizeram desordens, atacando os direitos alheios d'uma maneira infame, attentando contra os interesses da cidade d'um modo vilissimo. E quem procede assim, não tem direito a ser attendido, nem respeitado.

Esta é a verdade.

Mas peores que os labregos são os trátantes que os excitam. Os vandalismos, os attentados foram contra a cidade toda. Mas que, fossem só, contra o presidente da camara. Nem assim deixavam de merecer a reprovação de toda a gente séria e com noções de justiça.

O presidente da camara podia ter errado. Mas um erro não justifica nunca, nunca! atrocidades, nem o presidente da camara deixava de ter largos serviços para compensar um erro que tivesse commettido.

Sejamos justos. O presidente da camara é o *Obstaculo*. Toda a gente lhe chama *Obstaculo*. Chamámos-lh'o, até, nós, por lh'o ouvirmos chamar aos outros, em tempos de menos reflexão e prática do mundo. Afinal, com o tempo, com a experiencia, vimos que elle é *Obstaculo*, como sômos nós, como são todos aquelles que trabalham e sabem trabalhar, mas, unicamente, porque incommodam os imbecís e os inuteis. *Obstaculos*, verdadeiros obstaculos, são elles, os insignificantes, os miseraveis. Mas como são muitos e como a força de inercia é maior, obstaculo passa a ser, para elles, todo aquelle, que possuindo dois dedos d'intelligencia e força de vontade para se tornar prestadio e util, é, no meio d'elles, a excepção.

O presidente da camara, nos poucos mezes que lá está, tem-se revelado apenas um homem intelligente e d'alcance como poucos. E' um homem honesto, trabalhador, intelligente, illustrado, liberal, pondo as suas altas faculdades ao serviço da causa publica, o que é raro entre nós.

Pois um homem d'estes ha de estar á mercê dos *cabecinhas*, dos *mijaretas*, dos [illegible] e dos *chiças?*

Pois a *labregada* ignara, bestial, ha de tentar deffeitear um homem que bem merece da opinião independente, illustrada, justa, e ha de se abandonar, porque errou, suppunhamos, uma vez?

Que terra é esta?

Onde estamos nós?

Qual é a sucia que se atreve a pretender tamanha monstruosidade?

Nunca!

Pela nossa parte, nunca!

Não dizemos isto por odio aos francaceos, nem por sympathia ao presidente da camara, que mal conhecemos. Dizemo-lo porque o sentimos. Só porque o sentimos. Só por amor da verdade e da justiça. E di-lo-iamos, da mesma fórma, se o presidente da camara, em vez de se chamar Gustavo Ferreira Pinto Basto, se chamasse João Fernandes ou André Fagundes.

Fique sobre os francaceos a torpeza de todo o seu procedimento.

São elles, elles, unicamente, os responsaveis dos atrevimentos dos labregos. E' de Verdemilho, de Arada, de S. Bernardo, da Oliveirinha e Costa do Vallade que teem vindo, principalmente, os labregos. E' conhecido o sujeitinho que em Verdemilho andou no meio d'elles a *atiça-los*, com patranhas de toda a ordem. E' conhecido o sujeitinho que os atiçou em S. Bernardo, e que até, alli lhes distribuiu aguardente. E' conhecido o sujeitinho que os assopra na Oliveirinha o na Costa do Vallade.

Varios *tinhosos* teem sido vistos nas estradas a conversar, á mão, com os homemsinhos. Em Aveiro, mesmo, não teem sido tão *habeis* que não tenham deixado o rabo de fóra.

Não se illudam, nem nos illudamos.

Protestem, usem das hypocrisias que quizerem, mas fiquemos n'isto:

Nós conhecemos os *mijaretas* os *cabecinhas*, os *tinhosos*, e os *chiças*.

Sabemos o que elles teem feito e elles sabem o que fizeram.

E mais nada.

HONTEM

Os labregos, hontem, não appareceram.

Cheirou-lhes a chamusco!

Dizem que apparecem hoje.

Vamos a vêr.

Mas nós apostamos que não!

Entretanto palpita-nos que hoje *levam uma corrida*. O sr. commandante da brigada não póde sugeitar as tropas por mais tempo ao serviço terrivel que veem tendo.

Então, hoje ha de correr com os homens, ou estejam dentro ou estejam nos extremos da cidade.

Não tem outro remedio!

A TIRO

Varios pataratas andam por ahi a dizer que se não fôra terem-se disparado tiros de dentro da fabrica do sr. Manuel Christo, não teria ella sido assaltada.

E de casado sr. Gustavo e do sr. Cunha, tambem foram disparados tiros?

E da loja do sr. Meyrelles?

Ora oiçam.

Nós não sabemos se foram disparados tiros da fabrica do sr. Manuel Christo para fóra, nem senão. Sabemos que os empregados d'aquella fabrica só empregaram a força para repellir a força. Só depois de aggredidos! Sabemos que se elles suppozessem que a fabrica seria atacada teriam, então, respondido com tiros, a valer.

Os desordeiros tinham-se apresentado na vespera com uma certa tranquillidade, mais vinham armados de foices e paus. Ninguem esperava que, no dia immediato, desarmados, attentassem contra as lojas.

Os empregados da fabrica de moagens e o seu proprietario foram, pois, apanhados de surpreza. Resistiram, honra lhes seja, com tudo que tiveram á mão, que pouca coisa era. Se um d'elles se não lembra de subir ao telhado e de arremessar as telhas sobre os assaltantes, estes com poucas mósas ficariam. Mas se estão prevenidos, não haviam de faltar *apetrechos* para mimosear os *labregos*. E dois ou tres ficariam estendidos na calçada. E haviam de lhes atirar, aos empregados da fabrica, com o nariz áquelle sitio que sabemos. Defendiam as suas vidas e o seu domicilio.

Honra lhes seja. Resistiram a valer. Foi a unica nota honrada d'esta porcaria.

Hoje não é preciso. Desde que a cidade está entregue á guarda do sr. commandante da brigada, estamos tranquillos. Mas, se, por qualquer eventualidade, os *patriotas* conseguirem chegar de novo á fabrica, não hão de ficar sem resposta.

Fiquem certos.

Ha tempo para cá, desde que ficámos conhecendo os habitos de varios *patriotas* de Aveiro, que a nossa resolução é esta: todo o homem que se nos dirigir cavalheirosamente, será recebido com cavalheirismo; o que se nos dirigir como um arrieiro, será recebido como um arrieiro; e grupos, grandes ou pequenos, serão recebidos a tiro.

E é isto.

A CANALHA

Barafustam que sendo nós defensores do povo estamos agora contra o povo e a favor da camara municipal.

Alto lá! Não confundam povo com plebe, com canalha.

Já Victor Hugo, no seu *Anneé Terrible*, fazia a differença, por signal que em versos esplendidos, como, aliás, todos os seus.

Sômos a favor do povo. Sempre fômos, sempre havemos de ser. Mas, por honra do mesmo povo, sempre havemos de ser, tambem, contra a canalha.

Não sômos a favor da camara municipal. Sômos a favor da verdade e da justiça. A camara municipal foi eleita depois de uma campanha nossa contra os reaccionarios. Para a eleição d'ella concorreu essa campanha. Emquanto a camara seguir o caminho que segue, é nosso dever appoia-la e applaudi-la.

E' o que temos feito. E' o que faremos.

Bem sabemos que nem todos fazem o mesmo. Os *villões*, os egoistas, os covardes, os accomodaticios, fogem sempre na hora do perigo. Ninguem os vê.

Commosco é o contrario. Em apparecendo o perigo é quando nós apparecemos tambem.

São feitios!

Sever do Vouga, 24-7-902.

N'esta terra, onde a monotonia chega a ser encantadora pela sua constancia fez destaque sensacional o acontecimento do ultimo domingo, dia 20. Alguns cavalheiros d'esta villa convidaram os ex.^{mos} srs. conselheiro Albano de Mello, e dr. Homem de Mello, prestigiosos chefes politicos d'Agueda, a darem aqui um passeio, que se realisou no domingo, sendo lhes n'essa occasião offerecido um lauto banquete, para cujo preparo veio pessoal d'Aveiro superiormente dirigido pela ex.^{ma} sr.^{a} D. Maria Carolina Christo, que a todos maravilhou pela perfeição inexcedivel—admiravel mesmo—com que executou e dirigiu este delicado e complicado serviço não só no que diz respeito a cosinha como na apresentação da meza. Nunca aqui se viu coisa nem de longe parecida, e os proprios cavalheiros convidados d'Agueda manifestaram sincera admiração e prazer pelo grau de incrivel perfeição a que foi levado este serviço. Conhecemos de ha muitas annos a enorme competencia profissional da sr.^{a} D. Maria Carolina Christo, como directora do seu Hotel, em Aveiro; porém esta commissão de serviço, que aqui veio executar, sobre modo lhe augmentou os seus creditos já sobejamente conhecidos e apreciados.

Retiraram-se todos os convidados satisfeitissimos, o que muito honra todos os promotores da sympathica festa, não cabendo poucos louvores á sr.^{a} D. Maria Carolina Christo pela fórma brilhantissima como se desempenhou da sua missão.

F.

ANNUNCIOS

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril
Singer,
installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriotica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões luctaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas.....	60 réis
Cada vol. brochado..	1:500 »
Obra completa (4 vol)	6:000 »

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria **Mello Guimarães.**

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, explendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com explendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—**120** rs.

Os pedidos d'assignatura pódem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A' venda na Livraria Elysio —Rua Formosa, 282 PORTO

NOVIDADE LITTERARIA

ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

50 rs. cada semana, no acto da entrega

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenrolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do *grande escriptor*, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entrecho e pela sua fórma artistica e impeccavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 —LISBOA.

Preço 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gamejro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se **horrores** que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55⋈0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

HENRY SIENKIEWICZ

(auctor do «Quo Vadis»)

HANIA

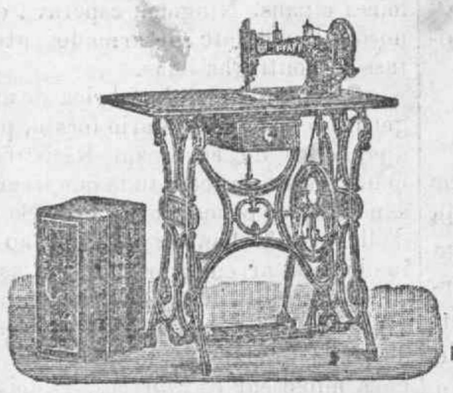
primorosa novella polaca do celebre auctor do «Quo Vadis», «Sem dogma», «Diluvio», «Sigamol-o»

Preço de cada volume illustrado com uma capa a côres

Preço 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA



DA

ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,,

Fundada em **1862**

EM

Kaiserslautern

são estas as melhores machinas de costura

A machina *PFFAF* para costureiras.
A machina *PFAFF* para alfaiates.
A machina *PFAFF* para modistas.
A machina *PFAFF* para sapateiros.
A machina *PFFAF* para seleiros.
A machina *PFFAF* para corrieiros.
A machina *PFAFF* para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Gamelas, á Praça do Peixe.

CONSULTORIO DENTARIO

DE

THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 4 a 44

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES!

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria,** bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79